

*INFORMATIVO GLOBAL DO
CENTRO DE ESTUDOS EM
POLÍTICA GLOBAL DO INSTITUTO
BRASILEIRO DE ENSINO,
DESENVOLVIMENTO E PESQUISA*

Informativo nº 3

GEOPOLÍTICA E SAÚDE GLOBAL: A ARQUITETURA SANITÁRIA SOB PRESSÃO

Nota de aula - Centro de Estudos em Política Global (CEPG/IDP)

Roda de conversa com o Prof. Dr. Paulo Marchiori Buss, no dia 4 de setembro de 2026

Autores: Liele Rodrigues da Silva, Rafael Gomes França e Carolina Vicente Cesetti

No segundo encontro do semestre, o CEPG recebeu, em sessão remota, o Prof. Dr. Paulo Marchiori Buss, professor emérito da Fundação Oswaldo Cruz, diretor do Observatório Fiocruz de Saúde Global e Diplomacia da Saúde e do Centro Colaborador da OMS/OPAS em Diplomacia da Saúde Global e Cooperação Sul-Sul, além de membro titular da Academia Nacional de Medicina. A exposição percorreu a relação entre geopolítica e saúde global e sustentou uma tese que organiza todo o argumento: a saúde não é um campo autônomo, protegido das disputas de poder, mas um terreno condicionado por elas. As dimensões políticas da ordem internacional determinam quem adoece, quem se trata e quais instituições sobrevivem para responder às emergências.

O professor é responsável também pelos Cadernos Fiocruz de Saúde Global e Diplomacia da Saúde, publicação quinzenal que reúne mais de duzentos autores e funciona como observatório permanente da conjuntura sanitária internacional. Para quem tem interesse nos assuntos de Saúde Global, os Cadernos estão disponíveis em: <https://cadernossaudeglobalfiocruz.net/csgf/index>

A saúde global refém da ordem política

O ponto de partida da exposição foi a afirmação de que as dimensões políticas condicionam a situação da saúde global e a resposta internacional ao desenvolvimento. Buss situou o presente como um momento de mudanças profundas na ordem construída em 1945, o sistema das Nações Unidas erguido nas conferências de São Francisco e de *Bretton Woods*, agora sob tensão inédita. Retomando o argumento do livro que organizou juntamente com Pedro Burger, *Diplomacia da Saúde: Respostas globais à pandemia*, lembrou que a Covid-19 não criou a crise, mas aprofundou uma crise múltipla preexistente, de natureza política, social, econômica,

ambiental, sanitária e ética, e expôs a incompetência da governança global para enfrentar um desafio daquela dimensão.

Sobre esse pano de fundo, o professor descreveu o que chamou de efeito Trump. Nos dezoito meses do segundo mandato iniciado em janeiro de 2025, sob as bases ideológicas do America First e do Make America Great Again, os Estados Unidos promoveram uma retração sistemática do multilateralismo: saída ou ataque a diversas agências da ONU, entre elas o Conselho de Direitos Humanos, o Acordo de Paris, a Agenda 2030, a UNESCO e a própria Organização Mundial da Saúde. No plano da cooperação, Buss destacou a eliminação da USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional) e a redução drástica da ajuda oficial ao desenvolvimento, com impactos documentados sobretudo na África, além da formulação de uma America First Global Health Strategy, conduzida pelo Departamento de Estado e pelo Departamento de Saúde, que substitui a cooperação multilateral por acordos bilaterais com contrapartidas impostas. A esse conjunto o professor associou a chamada Doutrina Donroe, expressão que atualiza a velha Doutrina Monroe sob a marca de Donald Trump e que já circulou no Informativo nº 1 deste Centro.

O diagnóstico geopolítico convergiu com o que os informes anteriores do CEPG vêm registrando. Buss descreveu um mundo polarizado entre uma competição pela hegemonia entre Estados Unidos e China, uma aliança sino-russa que considera inédita no século XXI e a constituição de um polo político e econômico na Ásia Central, ancorado na Organização para a Cooperação de Xangai. Anotou o deslocamento de poder para a China e a Ásia, o avanço chinês em inovação tecnológica, inclusive em saúde, e a penetração comercial de Pequim em todos os continentes. A Europa aparece dividida entre a ambição de recuperar protagonismo e o peso da guerra na Ucrânia; a Rússia, empenhada em restaurar a projeção perdida com o fim da União Soviética; e o Oriente Médio, marcado pela agudização do conflito e pela interferência americana. O que singulariza a leitura de Buss é a insistência em que esse tabuleiro não é abstrato: cada movimento se traduz em financiamento, cooperação e capacidade de resposta sanitária.

O colapso do financiamento e a guerra como método

A parte mais concreta da exposição tratou do desmonte da ajuda externa à saúde, e aqui os números que o professor apresentou dão a medida do problema. A assistência ao desenvolvimento para a saúde caiu cerca de 21% entre 2024 e 2025, de 49,6 para 39,1 bilhões

de dólares, com projeção de nova queda nos cinco anos seguintes. A retração foi puxada por um corte estimado em 67% no financiamento do governo dos Estados Unidos, acompanhado por reduções do Reino Unido, da França e da Alemanha. Para a África Subsaariana, a queda chegou a 25%, o maior corte segundo as estimativas preliminares do Instituto de Métricas e Avaliação em Saúde. O dado que Buss escolheu para sintetizar a desigualdade é eloquente: o gasto em saúde nos países de alta renda em 2025 foi 299 vezes maior que nos países de baixa renda, com previsão de ampliação dessa distância.

O professor associou esse quadro a um traço mais amplo do século, a substituição da cooperação para a paz pela cooperação para a guerra. Apontou a proliferação de conflitos armados, da Ucrânia ao Sahel, e reservou tratamento particular ao que descreveu como o massacre em Gaza, com mais de 70 mil mortos. A deterioração da saúde humana e planetária, na leitura de Buss, é consequência direta dessa inversão de prioridades, com orçamentos militares crescentes e recursos sociais e de desenvolvimento minguantes.

Conclusões

A principal contribuição da aula foi mostrar que saúde global e geopolítica não são agendas paralelas, mas uma só. As perguntas tradicionais da cooperação sanitária, quanto financiar e onde intervir, tornam-se insuficientes diante de uma ordem internacional que retrai o multilateralismo, converte ajuda em barganha e esvazia as instituições no momento em que mais se precisa delas. O caso do Ebola Bundibugyo, analisado pelos Caderno Fiocruz nº14 de 2026, deu rosto concreto a esse diagnóstico: a velocidade epidemiológica exige velocidade política, e esta depende de uma arquitetura de cooperação que hoje se encontra sob pressão.

Ao final, ficou uma inquietação que Buss deixou em aberto e que vale reter. A crise da OMS pode terminar em perda irreversível de capacidade ou funcionar como catalisadora de uma nova arquitetura de financiamento e governança. Qual dos dois caminhos prevalecerá não é uma questão técnica, mas política, e depende, como quase tudo o que a aula percorreu, das escolhas dos Estados diante de um mundo que, nas palavras do professor, atravessa a substituição da cooperação para a paz pela cooperação para a guerra.